

A TRADIÇÃO BÍBLICA RESIDUAL EM *MEMÓRIA CORPORAL*, DE ROBERTO PONTES

Fernanda Maria Diniz da Silva¹

Memória Corporal e a Teoria da Residualidade Literária e Cultural

Apesar do livro *Memória Corporal* ter sido publicado na segunda metade do século XX, os poemas reunidos em suas páginas estão eivados de aspectos referentes à poesia lírica bíblica do *Cântico dos Cânticos*. O caráter atemporal da Literatura nos permite utilizar a Teoria da Residualidade como orientação de nosso estudo. Roberto Pontes empregou o termo *residualidade* inicialmente em sua dissertação de mestrado defendida em 1991, publicada em 1999, cujo título é *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*, para demonstrar a presença de *remanescências* do passado que se acumulam na mente humana e se refletem no texto de forma involuntária, através de diferentes estruturas e temáticas.

A teoria aqui trabalhada parte do pressuposto de que na cultura e na Literatura nada é original, pois tudo, em sua origem, é *resíduo*. Assim, *resíduo* vem a ser o compósito de *sedimentos mentais* que *remanescem* de uma cultura em outra.

Em *La Cité Antique*, obra-prima de Fustel de Coulanges, este importante historiador francês do século XIX escreve: “Felizmente o passado nunca morre por completo para o homem. O homem pode

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Letras. Doutorado no PPGLetras da mesma Universidade. Integrante do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural (GERLIC). Assessora Técnica na Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Professora-tutora do Curso de Letras do Instituto UFC Virtual.

esquecê-lo, mas continua sempre a guardá-lo em seu íntimo, pois o seu estado em determinada época é produto e resumo de todas as épocas anteriores.” (COULANGES, 1961, p.30). Esta citação de Coulanges explica muito bem o significado da expressão, *sedimentos mentais*, empregada no parágrafo anterior.

O conceito de *mentalidade* foi buscado na Nouvelle Histoire francesa, que surgiu com a Escola dos Annales (1929-1989). *A História das Mentalidades* tem como principais teóricos Lucien Febvre (1938), Georges Duby (1961) e Robert Mandrou (1968). A *mentalidade* trata da forma de pensar de uma época, identificando e analisando o modo de pensar e agir dos indivíduos. Nessa perspectiva, a Teoria visa identificar o espírito (Zeitgeist) de uma sociedade, isto é, de uma cultura, em outra, o qual é recriado de forma artística, sobretudo na Literatura.

Assim *a história das mentalidades* e um estudo fundamentado na Teoria Residualidade Literária e Cultural nos permitem afirmar que, ao escrever os quarenta e cinco poemas que compõem *Memória Corporal*, seu autor estava a dialogar com a *mentalidade* de tradição bíblica, cujos aspectos residuais serão abordados posteriormente.

A tradição bíblica residual

Memória Corporal contém poemas cujo conteúdo se caracteriza, em parte, pela *mentalidade* presente no *Cântico dos Cânticos*, produção lírica que integra a Bíblia Sagrada, composta por 8 livros plenos de êxtase e de emoções amorosas.

Para compreender melhor o processo de *residualidade* contido na obra ponteana, em relação ao texto comentado, é interessante conhecer o contexto histórico no qual está inserida a produção bíblica, bem como a situação socio-política do Brasil no período em que os poemas de Roberto Pontes foram publicados. Dessa forma, a apresentação do contexto histórico do *Cântico dos Cânticos* e de *Memória Corporal* tem como objetivo mostrar a *mentalidade* compartilhada pelas duas obras em análise.

O *Cântico dos Cânticos*, “o mais belo dos cânticos de Salomão”, foi escrito por este filho do Rei Davi. Contudo, a expressão hebraica “de Salomão” pode ser compreendida como “da autoria de” ou “dedicado a”, por isso há muitos questionamentos em torno da autoria do Livro Bíblico. A opinião tradicional, entretanto, principalmente entre os judeus, é a de que Salomão é o autor desse poema inigualável (Cf. 1Rs.4.32).

Salomão foi o terceiro rei de Israel. Seu governo foi marcado pelo apogeu da monarquia. Ele fortaleceu o poder, criou uma administração organizada, possibilitou a expansão do comércio com outros povos do Oriente, construiu palácios e templos. Dentre esses monumentos destaca-se o Templo de Jerusalém, arquitetado para demonstrar a grandiosidade de seu reino.

Contudo, para manter a suntuosidade da corte e das construções, o filho de Davi instituiu tributos opressivos para a população e recrutou um grupo de funcionários a fim de realizar a fiscalização e a cobrança dos impostos. Além disso, os camponeses eram obrigados a trabalhar nas obras públicas. Tais ações do rei provocaram descontentamento e geraram diversas revoltas sociais.

O contexto histórico, no qual, provavelmente, o *Cântico dos Cânticos* foi produzido, apresenta-nos uma *mentalidade* voltada para o desejo de liberdade de um povo que tenta se desvencilhar das amarras do poder autoritário vigente. Essa *mentalidade* se assemelha à reinante quando do surgimento de *Memória Corporal*, uma vez que os poemas amorosos desse livro foram publicados em 1982, período histórico marcado pela terrível ditadura militar ocorrida no Brasil entre 1964-1985.

É fácil perceber que as duas obras foram produzidas em momentos históricos marcados por conflitos e por forte repressão e, consequentemente, pelo desejo de mudança. Essa *mentalidade* trespasa dos poemas através da aspiração à liberdade que domina os amantes que se unem num ambiente isento de pecado. Dessa forma, *Memória Corporal* cristaliza uma série de *resíduos mentais* e literários provenientes daquele livro de Salomão.

Nas duas obras, os amantes se comunicam por meio da natureza. Trata-se de um jogo metafórico que engloba figura feminina, plantas, animais e paisagens. No corpo do outro, o ser se completa, mas também nele se perde, uma vez que o amante torna-se dependente de sua amada.

O ser que ama explora o corpo do ser amado, observando todas as suas minúcias. É através do conhecimento dos aspectos físicos que o amante toma consciência do mundo que o rodeia. No entanto, o corpo está sujeito à morte, assim como o próprio sentimento, por isso os amantes parecem preocupados em manter a pessoa amada sempre por perto e sob certo domínio.

As imagens sensoriais apresentadas nas obras evocam diferentes sentidos, provocando sensações diversas. Assim, ao mesmo tempo em que mostram as emoções do casal, também conduzem o leitor a refletir sobre elas. A visão, o paladar, o olfato, o tato e a audição são sentidos que dominam o comportamento dos amantes, provocando um intenso prazer amoroso. Os efeitos sinestésicos se fazem presentes tanto no texto bíblico quanto nos poemas de *Memória Corporal*.

O livro *Cântico dos Cânticos* divide-se praticamente em duas seções principais com mais ou menos a mesma extensão: o início do Amor (Cap.1-4) e seu amadurecimento (cap.5-8).

Enquanto um sentimento que passa por etapas, o desenvolvimento amoroso também é trabalhado em *Memória Corporal* desde o início do amor nas primeiras páginas, com os poemas de “Cinco Prelúdios”, passando pela paixão plena em “Aos Amantes”, pelas oscilações do desejo em “Se a esmo a apatia te acudir” ou em “Era a notícia do amor desmoronando”, até o fim, com o poema de significativo título: “Epitáfio”.

Para prosseguirmos a análise dos *resíduos* bíblicos encontráveis na obra de Roberto Pontes, comparemos alguns poemas, iniciando com “Bebei na Boca Indócil”:

Ó virgens, bebei na boca indócil,
indócil e acesa dos jovens como vós.
Ó virgens, amai os vossos pares.
com as raízes verdes da adolescência.
Ó virgens, dormi conosco
- os corpos penetrados por ondas e guitarras
porque cai um mau sereno sobre o mundo.
Tecei as vossas mãos nos dedos.
Colai em vossas faces versos puros.
Roçai o vosso peito pelas rosas.
Fundi os vossos ventres nas estrelas,
enquanto ao vento,
limpa e fresca, ferve nossa carne.
Bebei, fumai,
roubai do mar a liberdade plena
que sonhos e presságios são pássaros de luto.
Ó virgens, há cadeados de aço
e plaquetas de chumbo em vossos hímens,
tal como há prisões e bombas
nas repúblicas douradas do universo.
Extasiai, copulai,
pois reclamam vossas vivas energias.
Abandonai desmaios e saudades
como jangadas de braços
na prata fina da praia.
Ó virgens,
há um pesadelo negro
a espreitar com binóculos de insânia.
Amar sem medo é defender a paz.
Amar sem medo é antepor-se à guerra.
Amar sem medo é inventar a vida,
rasgando o corpo
no sexo do amigo.

(PONTES, 1982, p. 52-53)

Agora, vejamos os versículos iniciais do Livro de Salomão:

- 2 Beija-me com os beijos de tua boca;
porque o teu amor é mais saboroso que o vinho.
- 3 Deliciosa é a fragrância de teus perfumes,
teu nome é como o bálsamo derramado;
por isto amam-te as donzelas.
- 4 Atrai-me atrás de ti, corramos!
Introduze-me, ó Rei, em teus aposentos.
lá serás a nossa alegria e o nosso júbilo,
Louvaremos teu amor mais do que o vinho.
Quão suave é amar-te!

(*Cântico dos Cânticos* 1, 2-4).

Ao confrontarmos os poemas, verificamos que a relação a dois é descrita em diferentes níveis que passam pelo impulso da paixão, da embriaguez do amor, do desejo, da posse e da contemplação dos amantes.

No poema “Bebei na Boca Indócil”, os enamorados se conhecem a partir da exploração de cada parte do corpo, como se dessa forma também passassem a conhecer e a explorar o mundo que os cerca. Trata-se, pois, de um aspecto *residual* proveniente da *mentalidade* posta em *Cântico dos Cânticos*, uma vez que o corpo, no texto bíblico, também é um mundo a ser descoberto. O corpo e o sentimento amoroso são apresentados de forma muito intensa, tendo em vista seu caráter efêmero, aspectos os quais também são ressaltados por Francis Landy ao analisar os versos da Bíblia:

O amante é um estranho que representa, em sua heterogeneidade, o mundo que devemos tornar nosso; o corpo do amante é explorado, com todas as suas possibilidades multiformes de significado e ação, seus extremos de repulsa e atração, sua vulnerabilidade e risco. O corpo está sujeito à morte, e desse modo a uma preocupação em que há sempre um elemento de ansiedade. (ALTER, Robert, KERMODE, Frank, 1997. p. 327)

No primeiro versículo a desposada expressa o desejo de ser amada, contrastando o sentimento amoroso ao gozo momentâneo proporcionado pelo vinho, que simboliza a própria vida e seus desejos, uma vez que essa bebida é, geralmente, associada ao sangue, tanto pela cor, como também por seu caráter de essência vegetal.

Na Grécia antiga, a bebida substituía o sangue de Dionísio e representava a imortalidade. Além disso, o deus grego embriagava seus seguidores através do vinho, considerado condutor da alegria.

Assim como a bebida, o amor é algo inebriante capaz de transportar os amantes para um mundo ilusório. No poema ponteano “Bebei na Boca Indócil” também há um convite ao ingresso dos amantes nesse mundo onírico, pleno de liberdade: “Bebei, fumai,/ roubai do mar a liberdade plena/ que sonhos e presságios são pássaros de luto.”

O beijo é outro importante símbolo que merece nossa atenção. Na Bíblia, consiste num ato bastante recorrente, porém com significações diversas. Observemos algumas passagens e suas respectivas simbolias, para efeito de exemplificação. 1) O beijo do perdão, da reconciliação: “Então se levantou, e foi ao encontro do pai./ Quando ainda estava longe, o pai o avistou, e teve compaixão. Saiu correndo, o abraçou, e o cobriu de beijos.” (LUCAS 15, 20); 2) O beijo da traição:

Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, com uma grande multidão armada de espadas e paus. Iam da parte dos chefes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: “Jesus é aquele que eu beijar; prendam.” Judas logo se aproximou de Jesus, e disse: “Salve, Mestre.” E o beijou. (Mateus 26, 47-49)

Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, no *Dicionário de Símbolos*, ressaltam as palavras de alguns estudiosos sobre a simbologia do beijo, em *Cântico dos Cânticos*, enquanto forma de atingir a unidade do ser:

Para Guillaume de Saint-Thierry, o beijo é o signo da unidade. O Espírito Santo pode ser considerado como procedente do beijo do Pai e do Filho. [...] Bernard de Clairvaux, também em seu comentário sobre o Cântico dos Cânticos, fala longamente do osculum que resulta da unitas spiritus. Só a alma-esposa é digna de ambos. O Espírito Santo, dirá São Bernardo, é o beijo da boca, trocado entre o Pai e o Filho, beijo mútuo de igual para igual e somente a eles reservado. (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2006, p. 128).

Em *Memória Corporal*, a concepção de beijo também é residual do texto bíblico. Nas duas obras o ato de beijar desperta os seres para uma nova perspectiva de vida e de união. Os amantes adquirem mais vida, transformando o Eu em Nós. Nesse contexto o beijo ultrapassa o sentido carnal, pois tocando a alma, revela o amor, o sentimento mais profundo do indivíduo, que precisa ser nutrido a todo o momento. Além disso, o beijo amoroso, que consta nas duas obras, permite que os amantes transcendam o domínio de Cronos e atinjam um estado de irmandade entre si e o de fusão com o mundo.

Nos dois poemas, o uso do verbo no modo imperativo (“Beija-me” e “Bebei”) indica um convite à comunhão de dois corpos e de dois espíritos, por meio de uma entrega mútua.

A gradação é uma figura de linguagem que se faz presente nos dois livros em análise com o objetivo de intensificar ainda mais o momento amoroso. Atentemos aos segmentos que demonstram tais sentimentos gradativos. “Beija-me... Atrai-me... Introduze-me” (*Cântico dos Cânticos*) e “Teci... Colai... Roçai... Extasiai... Copulai” (“Bebei na Boca Indócil”).

Confrontando novamente os poemas, destaquemos os seguintes vocábulos: “donzela” (*Cântico dos Cânticos* 1,3) e virgens (“Bebei na Boca Indócil”). Ambos representam a pureza da amada. Assim, *Memória*

Corporal traz, *cristalizados* em seus poemas, os *resíduos* da *mentalidade* contida no Livro Sagrado que valoriza a virgindade como símbolo de inocência e de sublimação da mulher.

O estado de virgindade relaciona-se à força e à soberania. Em Roma, exigia-se que as vestais, sacerdotisas do culto dos deuses familiares, fossem virgens. A pureza delas mantinha a honra das famílias e de Roma. Tal estado no poema torna a mulher um ser especial. O sentido é intensificado pela repetição.

É importante destacar o quanto é forte o envolvimento do casal e o sentimento de posse presentes ao longo das obras. Em *Cântico dos Cânticos*, a ausência do ser amado provoca grande desespero. Essa agonia só se esgota quando ele retorna. Eis os textos:

Em meu leito, pela noite,
procurei o amado da minha alma.
Procurei e não encontrei!

(*Cântico dos Cânticos* 3,1)

Passando por eles, contudo,
encontrei o amado da minha alma.
Agarrei-o, e não vou soltá-lo,
até levá-lo à casa da minha mãe,
ao quarto daquela que me carregou no seio.

(*Cântico dos Cânticos* 3,4)

Em *Memória Corporal*, a grandeza da união do casal é semelhante à do livro bíblico. É o que se observa no poema “Nossas Amarguras”, no qual o envolvimento com o ser amado é capaz de eliminar o desespero com o qual o amante convivia: “Quando o teu corpo/ jazeu desanimado/ úmido de amor/ deitado lassamente/ eu já não trazia/ em mim meu desespero/ e em troca te dera/ tanta ternura”.

Há, no último poema citado, uma troca entre o casal: a mulher elimina a agonia do seu amado e, em troca, recebe toda a ternura possível. Além disso, a natureza contempla a união do casal, fazendo, inclusive, parte do envolvimento idílico, como se pode constatar na leitura dos versos: “Sobre o teu dorso nu / mil borboletas / como se um jardim / abrisse as suas asas / para enaltecer / toda a loucura/ que houve / em nossas bocas/ em nossos braços”. Nesse segmento, as borboletas são comparadas a um jardim inteiro, que se abre para celebrar o êxtase amoroso, consoante a simbologia do jardim que compreende também a de paraíso.

Em *Cântico dos Cânticos*, deter-nos-emos em algumas passagens que abordam a comentada simbologia: “Você é um jardim fechado,/ minha irmã, noiva minha,/ um jardim fechado,/ uma fonte lacrada”. (*Cântico dos Cânticos* 4, 12)

Nos trechos citados, o jardim aparece como sonho a ser alcançado, ansiedade a ser saciada. É preciso ultrapassar os muros da realidade para nele se instalar. O jardim também pode simbolizar o que há de mais admirável no ser: a alma. Sobre essa característica Ernest Aeppli afirma:

O jardim pode ser a alegoria do eu quando no seu centro se encontra uma grande árvore ou uma fonte... O jardim designa, muitas vezes, para o homem, a parte sexual do corpo feminino. Mas através dessa alegoria do pequeno jardim das delícias, os cânticos religiosos dos místicos..., significam muito mais que o simples amor e sua encarnação: o que eles procuram e louvam ardentemente é o mais íntimo da alma. (AEPPLI, 951. p. 252).

O jardim, normalmente, comporta fontes de onde surgem mel, frutos e flores. Nesse cenário paradisíaco é que se desenvolve o ciclo amoroso presente tanto em *Memória Corporal* quanto em *Cântico dos Cânticos*.

Nas duas obras, o amor é o despertar de uma nova *mentalidade*, mas é também um retorno ao nascimento, o que vem a ser, de certa forma, um encontro com a morte. Em *Cântico dos Cânticos*, essa concepção fica clara nas passagens ao longo dos versículos. Em *Memória Corporal*, a noção de fenecimento amoroso é enfatizada nos versos de “Epitáfio”, texto-registro do fim do relacionamento que, porém, conservam o relacionamento através das lembranças guardadas na “memória indestrutível de um poema”, perpetuando, assim, o momento precioso da experiência humana irrepetível do amor.

Considerações finais

A leitura de *Memória Corporal* nos leva à conclusão de que esta não é apenas mais uma reunião de poemas sobre o amor. Neste livro o autor conseguiu, através de seu poder artístico, recriar o universo recorrente do amor, imprimindo nova cor e feição a este sentimento, sem incorrer na pornografia nem no romantismo hiperbólico e piegas comum em muitos textos do gênero. Publicado no início dos anos 80 do século XX, *Memória Corporal* nos traz uma reflexão amadurecida sobre a vivência amorosa.

Desde “Cinco Prelúdios” até “Epitáfio”, respectivamente, o primeiro e o último poemas do volume, verificamos que são memorados todos os momentos marcantes do ciclo do amor: conhecimento, paixão, fortalecimento do amor e fenecimento da relação. Contudo, o amor em si não morre, pois sua lembrança permanece viva por meio da memória poemática. Assim, vencendo Thanatos, Eros fica registrado não só na memória daquele que amou, mas também na “verdade indestrutível de um poema”, como diz um dos versos de “Epitáfio”.

Nessa obra de Pontes, a recriação artística do tema amoroso ocorre principalmente por meio de uma poética *residual* da *mentalidade* de *Cântico dos Cânticos*, livro bíblico que expressa um canto de amor erótico, no qual os amantes se conhecem num ambiente isento de pecado e punição, valorizando sempre o sentimento humano acima de tudo.

Assim, *Memória Corporal* representa um canto de louvor a Eros, o princípio criador da Vida, enquanto busca realizar a união integral do ser humano no encontro com o outro, no caso, a amada, que é onde deve estar a morada da felicidade e da paz, mesmo em meio às turbulências próprias do amor.

Referências bibliográficas

- AEPPLI, Ernest. "Les rêves et leur interpretation". Paris, 1951. In: CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain (Org.). *Dicionário de Símbolos*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 513
- ALTER, Robert. KERMODE, Frank. (Org.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação & Editora da UNESP, 1997.
- BARROSO, Oswald. BARBALHO, Alexandre. (Org.). *Letras ao Sol: Antologia da Literatura Cearense*. 2ª ed. Fortaleza: Ed. Fundação Demócrito Rocha, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Dom Estevão Bettencourt. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957.
- COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: EDAMERIS, 1961.
- DINIZ DA SILVA, Fernanda Maria. *Mentalidade e residualidade em Memória Corporal, de Roberto Pontes*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Ceará-UFC, 2007, in <http://www.teses.ufc.br>.
- PONTES, Roberto. *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Ed. Antares. Fortaleza: Secretaria de Educação e Cultura do Município de Fortaleza, 1982.